

Sinfónica Juvenil escala dois 'oito mil'

Obras: Karlheinz Stockhausen,
Christopher Bochmann

Intérpretes: Orquestra Sinfónica
Juvenil/Pedro Amaral, Christopher
Bochmann

Local: Grande Auditório Culturgest

■ BERNARDO MARIANO

Emprego um termo do montanhismo para me referir ao feito protagonizado pela Orquestra Sinfónica Juvenil (OSJ) ao dar em estreia portuguesa *Hymnen mit Orchester*, de Karlheinz Stockhausen (n. 1928), e em estrelá absoluta a *Sinfonia* de Christopher Bochmann (n. 1950).

Duas obras difficilimas, impenitentemente modernas e que colocaram inúmeros desafios aos elementos da OSJ, isto para lá da responsabilidade que a envergadura das obras e o selo de "estrela" acarretavam. Pré-condição para o sucesso foi, no Stockhausen, a direcção de Pedro Amaral — ele próprio ainda um jovem — e a presença de Bryan Wolf, colaborador de longa data de Stockhausen, na projecção sonora e controlo permanente do equilíbrio som da orquestra/som electrónico (e concreto); e, na *Sinfonia*, o facto de maestro, compositor e director da OSJ serem uma e mesma pessoa. *Hymnen* foi apresentada por Gabriela Canavilhas e a *Sinfonia* por Alexandre Delgado.

Deixou um trazo a pouco o concerto de *Hymnen*, porquanto apenas se ouviu a versão que emprega orquestra (*Hymnen mit Orchester*, uma encomenda da Filarmonica de Nova Iorque, de 1969, estreada em 1971, a estreia absoluta da obra electrónica e concreta sendo de 1967). Ora os estritos *Hymnen mit Orches-*

ter usam apenas a terceira das quatro "regiões" do original! Acresce que a presença da dupla Amaral/Wolf e o "atraso" de 88 anos na audição ao vivo da obra cá teriam merecido um pré-concerto em que fosse difundida a versão original integral de *Hymnen*, após o que se seguiria a versão escrita para Nova Iorque. Foi pena!

Mas não deixou de ser um acontecimento esta audição. É uma obra filha do seu tempo, da *Weltanschauung* e das ideologias de finais dos anos 60, que integra e sintetiza com mestria o subjectivo e o colectivo, o individual e o universal, num conceito idealista de *World Music* e da imersão do artista na sociedade (bem diferente da postura actual do compositor...)

A imediatez dos signos e frescura de ideias mais revela o avançado grau de pesquisa que o autor havia alcançado há quase 40 anos na concatenação e "sequenciação" dos mundos acústico (instrumentos), electrónico e concreto, ainda hoje exemplar. Só nos pareceu que um efectivo maior da OSJ teria beneficiado o resultado final.

Na *Sinfonia* de Bochmann, a OSJ pareceu ter a obra mais preparada que assimilada, dando uma boa visão de conjunto da partitura, mas não explorando todas as potencialidades que ela contém. Potencialidades que nos pareceram ainda passíveis de maior apuro por parte do autor, mormente numa maior personalização do 1.º andamento e numa maior força e crescendo tensivo do último. Mas o que ali está, já neste momento, denota grande envergadura.